

DESCOBRINDO OS CLÁSSICOS

CORAÇÕES PARTIDOS

LUIZ ANTONIO AGUIAR

ea
editora ática

Corações partidos

© Luiz Antonio Aguiar, 2001

Editora-chefe	Claudia Morales
Editor	Fabrizio Waltrick
Editora assistente	Marcia Camargo
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisores	Luciene Lima
	Maurício Katayama
	Fabiane Zorn
Estagiária	
ARTE	
Diagramadora	Thatiana Kalas
Editoração eletrônica	Estúdio O.L.M.
Ilustrações	Gonzalo Cárcamo
Ilustração de José de Alencar	Samuel Casal

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A227c

Aguiar, Luiz Antonio, 1955

Corações partidos / Luiz Antonio Aguiar ; ilustrações de Gonzalo

Cárcamo. - 2.ed. - São Paulo : Ática, 2008.

152p. : il. - (Descobrimdo os Clássicos)

Apêndice

Acompanhado de suplemento de leitura

ISBN 978 85 08 12068-0

1. Alencar, José de, 1829-1877. Senhora - Literatura infantojuvenil.
I. Cárcamo, 1954-. II. Título. III. Série.

08-4137.

CDD: 028.5

CDU: 0875

ISBN 978 85 08 12068-0 (aluno)

CL: 736562

CAE: 241786

2019

2ª edição

9ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A., 2001

Avdas Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061- atendimento@aticascipione.com.br

www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



UMA HISTÓRIA DE AMOR DE TODOS OS TEMPOS

Crica sofre sua primeira decepção amorosa e para ela o mundo desabou. Angustiada, refugia-se no sítio da avó, Glaura, para tentar esquecer a mágoa.

A jovem costuma se isolar no velho cemitério da família, localizado nas terras da propriedade da avó. Ali, busca consolo junto às suas ancestrais, uma linhagem de mulheres que parece compartilhar um destino comum, uma espécie de bênção (ou maldição) que vem sendo transmitida de geração em geração: viver (ou sofrer) grandes paixões.

Mas existe um outro legado familiar que vai influenciar a vida de Crica: o livro *Senhora*, de José de Alencar. Conforme vai lendo a arrebatadora história de amor de Fernando Seixas e Aurélia Camargo, os dois protagonistas, vai também conseguindo entender e superar a sua própria dor.

Desta maneira, o escritor Luiz Antonio Aguiar nos apresenta José de Alencar e *Senhora*, este considerado seu melhor romance urbano.

Corações partidos recria o estilo da obra que o inspirou, contendo os vários elementos que caracterizam o Romantismo. Assim, atualiza para o leitor dos dias de hoje esta escola literária, que pode ser considerada fase de consolidação de

uma literatura nacional. Ao enfocar *Senhora*, Luiz Antonio Aguiar registra toda a abrangência temática da obra de José de Alencar, que é mais reconhecido pelos seus romances indianistas. Mais do que isso, faz uma declaração de amor, por meio de seus personagens, a este que é um dos maiores nomes do romance brasileiro e, até, à própria literatura.

Os editores

Os trechos de *Senhora* que constam em *Corações partidos* foram retirados da edição da Ática, série Bom Livro, 34ª ed., 2000.

SUMÁRIO

1	Antes, na cidade	11
2	E então, no sítio: o cemitério da família	14
3	Aurélia Cristina	17
4	Maurício	21
5	“Deixe que raivem os moralistas”	24
6	<i>Nossa</i> história	28
7	O preço, a quitação, a posse, o resgate	36
8	Ex-líbris	53
9	Há mais de 50 anos	62
10	Mistérios do coração partido	64
11	Uma órfã na rua Santa Teresa	70
12	As bruxas	83
13	Tempestade	91
14	A carta	94
15	No quarto de Crica, entre os capítulos	101
16	Lua crescente	103

17	Alevantadas das tumbas	114
18	Versos no ar	119
19	Com todo meu amor	120
20	A proposta	125
21	Medo de acabar	128
22	“Foi o pai de Amanda quem morreu”	135
23	O cemitério ao nascer do Sol	141
	Outros olhares sobre <i>Senhora</i>	147



Este livro, como os dois que o precederam, não são da própria lavra do escritor, a quem geralmente os atribuem.

A história é verdadeira; e a narração vem de pessoa que recebeu diretamente, e em circunstâncias que ignoro, a confiança dos principais atores deste drama curioso. (...)

José de Alencar, “Ao leitor”,
prefácio a *Senhora*.

SENHORA



Perfil de mulher



PUBLICADO

POR

G. M.



Rio de Janeiro

B. L. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTÓRICO

69, Rua do Ouvidor, 69

1875



• 1 •

.....
Antes, na cidade...
.....

— Era *ele* de novo? — perguntou Glória aflita, ao ver Rubens bater o telefone, depois de berrar meia dúzia de palavras para a pessoa do outro lado da linha. A pergunta era totalmente ociosa. Glória sabia que era *ele*. Nem precisava ter assistido à cena. Bastaria ver o rosto transtornado do marido, que nem falar conseguia de tanta fúria.

Ainda ofegante, com os punhos e os dentes crispados, como se quisesse ou atacar alguém (*ele*) a dentadas ou derrubá-lo a murros, Rubens foi até a geladeira, escancarou-a, tirou a garrafa de água e encheu um dos copos em cima da mesa.

— Devagar, Rubens! — pediu Glória. O marido sorvia a água num gole único, sem parar para respirar, chegando a deixá-la escorrer pelos cantos da boca. Finalmente, engasgou-se e começou a tossir. Glória correu para junto dele e o puxou pelo braço, fazendo-o sentar-se numa das cadeiras da mesa da copa.

— Só matando! — grunhiu, enfim, Rubens, quando conseguiu se recuperar.

— Era *ele*? — Glória repetiu a pergunta, quando na verdade o que queria perguntar era se havia alguma chance de *ele* descobrir onde Crica estava.

O marido ainda uma vez não confirmou quem era, ao telefone. Ficou olhando para a mulher, agora quase desconso- lado, sem saber o que fazer... E repetiu:

— Só matando aquele moleque! Aquele...

Glória começou a chorar, de nervoso. Rubens a puxou contra si e os dois ficaram abraçados em silêncio por alguns instantes, até que ele afastou-a um pouco para olhá-la bem dentro dos olhos e disse, com uma expressão de alívio:

— Ele não sabe onde nossa filha está! Pelo menos isso.

— Mas o que ele ainda quer da Crica? Depois de tudo que fez ela passar!

— Não sabe, nem vai saber nunca — e Rubens começava a se irritar de novo. — Foi uma felicidade minha mãe convidar a Crica para ir ao sítio. Ela já tinha mesmo perdido o ano na escola, então ia ficar fazendo o que por aqui? Acabava esque- cendo o que esse cretinozinho fez e saindo de novo com ele!

— Mas e se ele a encontrar? A Crica pode ter contado a ele alguma coisa sobre o sítio.

Rubens levantou-se da cadeira, deu alguns passos pela cozinha, preocupado...

— Acho que não. Acho que não — depois esfregou com força o rosto, como se quisesse despertar o raciocínio. — Fa- zia anos que ela não ia para lá, nunca mais nem falou a res- peito... Ela não levou o celular, levou? Não, eu o vi em cima da mesinha, lá no quarto. A Crica está segura no sítio.... — Ele hesitou antes de completar: — Mas bem que eu preferia que estivesse aqui, junto da gente! Acho que a gente poderia cui- dar melhor dela. Minha mãe...

— Rubens! — murmurou Glória, e o marido entendeu o que a esposa lhe dizia. Não, eles não estavam conseguindo “cuidar dela”...

— Sei que você e sua mãe não se dão bem, mas neste momento, por favor, esqueça isso!

— A gente se dá muito bem, sim. Ela lá, eu cá, desde que ela largou meu pai para ficar com aquele... aquele tal de Jonas. Olha que quando o sujeito morreu naquele desastre de helicóptero, oito anos atrás, quase que eu... comemorei!

— Rubens... — chamou-o Glória de novo, e mais uma vez havia uma mensagem subentendida entre ambos: era preciso que se concentrassem no problema atual. — A separação dos seus pais foi há quase quarenta anos. A Crica...

— Tá bem, tá bem! — Rubens olhou em volta, como se as lembranças estivessem mais visíveis do que as paredes da cozinha...

— Crica, aqui, ficava trancada no quarto o dia inteiro — interrompeu Glória, com a voz rouca, sem conseguir mais se conter. — Nem pensei que fosse aceitar o convite da avó. Chegou na hora certa... Eu... Rubens... Meu Deus, Rubens!

O marido voltou-se para ela. Os lábios da mulher tremiam, Glória chorava ainda mais forte. Rubens sentiu que ela estava pedindo que ele a abraçasse novamente. Correu para ela e amparou-a o mais firmemente que pôde. Glória ainda deixou escapar, como num suspiro:

— Eu não sabia mais o que fazer... como ajudar minha filha... eu não sabia. Ela estava tão triste, tão... Fiquei com medo de que ela... Você também não teve medo de que ela...?

Rubens apertou-a nos braços com mais força ainda. Ela correspondeu ao abraço, e os dois foram se serenando aos poucos, colados um ao outro.



• 2 •

.....
E então, no sítio:
o cemitério da família
.....

O pequeno cemitério ficava no coração do sítio, quase no sopé do morro atrás do qual o sol se punha. Desde que chegara, havia duas semanas, Crica já fizera várias vezes o caminho até ali e, ultimamente, era onde terminava seus passeios de horas e horas, todos os dias, já com a tarde caindo e o sol mergulhando no morro.

Desde que deixara para trás a cidade, os pais, e tudo o mais, e viera se refugiar no sítio, sempre, depois do almoço, a garota saía para seus passeios solitários. Da varanda da casa, a avó, dona Glaura, observava Crica se afastar... e sorria. Sempre sorria. Era como se adivinhasse — apesar de Crica não fazer nenhum comentário sobre o que fizera durante a tarde — que a neta acabaria, sim, chegando ao pequeno cemitério.

No começo, os passeios de Crica não tinham rumo certo. Ela apenas vagava, até se sentir exausta, e depois retornava. Foi então, na terceira ou quarta tarde, que se lembrou do pequeno cemitério aonde sua avó a costumava levar, quando ainda era muito pequena. E era lá que contava histórias à menina: de príncipes e princesas, de grandes amores.

Da primeira vez, então, em que tomou a direção do cemitério, foi quase sem pensar. Em nenhum instante, mesmo

depois de tanto tempo, hesitou sobre que trilhas seguir para chegar até lá. Atravessou um bosque arejado, lembrou-se de árvores e esconderijos, e adiante foi dar na ponte de madeira sobre o riacho que aparecera tantas vezes em seus sonhos, nos últimos anos. Curioso é que só se deu conta disso — só se recordou dos sonhos com o riacho — no momento em que se deteve sobre a ponte, como fazia antigamente, e olhou para a água terrosa que corria por debaixo dela. Para sua enorme surpresa, foi tomada pela mesma sensação que tinha quando criança, de que, submerso na correnteza, lá do fundo, alguém invisível a espiava. Não era algo que lhe fizesse medo. Talvez, um arrepio, e um sentimento sem-nome de estar entrando numa parte do mundo onde *coisas* poderiam acontecer. Coisas — sensações — das quais ela não falaria com ninguém, ou melhor (lembrava-se, agora, e cada vez mais), somente falava sobre isso com a avó, sentadas as duas entre as lápides de pedra do pequeno cemitério. Dona Glaura escutava a neta... e sorria.

A garota percebeu que o bosque e a ponte haviam se tornado menores. Pelo menos, eram menores agora do que a lembrança, de menina pequena, que guardava deles. Também o rio parecia menor, menos profundo; a correnteza, menos lépida. Mas era o mesmo caminho — e, quando o reencontrou, deu-se conta também de que era a primeira vez que o fazia sozinha.

Depois da ponte, a trilha continuava mais um pouco e de repente terminava num jardim bem cuidado: as lápides se erguiam dos canteiros. Era o cemitério da família. Por isso, em muitas das lápides, estava inscrito o nome Martiniano. A mais antiga tinha datas de nascimento e morte do início do século XIX — 1809-1825. Era uma moça que morrera aos dezesseis anos — “Minha idade”, pensou Crica ao rever a lápide. “Então, tem gente que morre com dezesseis anos...”. Era uma lápide solitária — havia outras casadas: um homem, uma mulher.

Então, era para aquele cemitério que Crica dera de vir, todo cair de tarde. Era ali que lembrava as histórias que sua avó lhe contava, quando ela era bem pequena — pequena o bastante para brincar de se esconder por trás das lápides, enquanto sua avó era sempre aquela que procurava, ou para se despedir de uma ou outra de “suas tias”, chamando-a pelo nome gravado na pedra, quando ia embora. Era para lá que ia, agora, para pensar e repensar na vida, no amor, em sua tristeza, e, muitas vezes, para chorar sozinha.